



RODRIGO FONSECA

**D**efinido pelo cançãoeiro popular como “palavra triste”, o verbete “saudade” adquire sentidos novos (e políticos), aproximando-se de substantivos como “resiliência” e do verbo “resistir”, depois dos modos como foi empregado pela 21ª CineOP. Encerrada na terça-feira nas Gerais, ao fim de seis dias de exibições e debates, a maratona cinéfila de Ouro Preto começa a digerir seus feitos – e foram muitos – só agora. Ela se difere dos ritos habituais dos festivais brasileiros (e dos estrangeiros) por se preocupar com o futuro do pretérito (das imagens) e não com os ineditismos clamados pelo mercado.

A preservação e a restauração de filmes em película e o arquivamento (vivo) de criações realizadas em digital é seu foco. É o que temos de mais parecido com o evento europeu Il Cinema Ritrovato, que ocorre em Bolonha, na Itália, para dar voz e vez a manifestações filmicas das primeiras décadas do século XX, ao mesmo passo em que revisita joias recentes, como é o caso de “Crítico” (2008), primeiro longa-metragem do pernambucano Kleber Mendonça Filho, projetado em telas do Velho Mundo na semana passada.

Numa toada similar, a micareta memorial mineira, estruturada por Raquel Hallak na produtora Universo, também abriu tela para títulos bem recentes, ao mesmo tempo em que celebrou os 80 anos de “O Ébrio”, de Gilda de Abreu (1904-1979), com projeção em praça pública, e revisitou um marco feminista, “A Entrevista” (1966), feito há seis décadas por Helena Solberg.

São narrativas que estão na ordem do “pra sempre”, enquanto, na triagem do agora, fez-se um passeio por exercícios autorais recentes do paulista Carlos Adriano, hoje a mais indecifrável esfinge de nosso audiovisual.

“O passado estará sempre grávido de um futuro”, disse o realizador ao Correio da Manhã, logo após projetar a longa-metragem “Proust Palimpsesto: Pastiches e Misturas”, um vicejante ensaio cinepoético a ser lançado pela distribuidora Embaúba, construído a partir do único registro filmado conhecido do escritor Marcel Proust (1871-1922), realizado em 1904.

Em paralelo a essa busca pelo tempo proustiano perdido, a CineOP exibiu ainda um curta desse realizador e ensaísta, que (num bloco do eu sozinho) monta, corrige e mixa o som de suas criações.



Festival dialoga com a riqueza arquitetônica das Gerais, dos resquícios da Inconfidência, para celebrar a preservação

# O baile da saudade

Após seis dias de festejo à preservação e à restauração de tesouros das telas, a CineOP fecha uma 21ª edição marcada por curtas impecáveis e longas que desafiam códigos documentais



Fenômeno nacional de bilheteria, ‘O Ébrio’ (1946) comemorou seus 80 anos na mostra mineira com cópia restaurada

No belíssimo “Sem Título #11: Um Analecto à Mula”, Carlos Adriano parte da obra do poeta cubano José Lezama Lima (1910-1976) e visita o outrora em busca de sentidos e sensações que estão no âmbito da eternidade. Para isso, segue uma linha mais próxima dos fractais da matemática do que dos algoritmos de uma prática audiovisual amordaçada às carências do mercado. Seu

processo ganhou fama com o memorável “A Voz e o Vazio: A Vez de Vassourinha” (1998) e com “Santos Dumont Pré-Cineasta?” (2010).

“As imagens, para mim, são ruínas, principalmente na questão do trabalho de arquivo. A coisa com que eu mais gosto de trabalhar são restos, fragmentos. O texto do Proust, mais do que pretexto ou pré-texto, para mim é um prisma, onde



‘Vivo 76’ mostra como Alceu Valença usou um megafone para promover em Copacabana o show ‘Vou Danado Pra Catende’

jogo luz, e encontro sentidos que antes não eram perceptíveis”, disse Adriano ao Correio. “Esses sentidos não esgotam”.

Enquanto a dupla expressão do cineasta de SP contagiava Ouro Preto, a cidade usou a sala de projeção de seu Museu da Inconfidência para revisitar um marco (também paulista) da época da Retomada (período de 1995 a 2010, no qual a produção

nacional se reinventou com o fim da Embrafilme e a ação da Lei do Audiovisual) repleto de prêmios: “Um Céu de Estrelas” (1996), de Tata Amaral. À sua época, o longa foi precursor na forma de retratar a violência doméstica e o feminicídio, com foco no violento reencontro da cabelereira Dalva (Leona Cavalli) com o ex-noivo chave-de-cadeia Vítor (Paulo Vespúcio Garcia) na